

Conclusão

Segrera (2006), em seu capítulo “El desarrollo humano centrado en las personas”, apresenta importantes considerações para o âmbito das relações inter-organísmicas.

Tecendo comentários transdisciplinares acerca da política pública e sua mediação ao nível da realização de pessoas e grupos em suas comunidades concretas (Segrera, 2006, pp. 28-29), o autor reconhece “una confianza en las potencialidades de los grupos y personas, capaces por sí mismos de una realización social y personal, cuando se les dan condiciones ambientales y recursos adecuados para obtenerla” (Segrera, 2006, p. 36).

Em sua argumentação, observa-se que “el verdadero desarrollo pleno de un organismo es aquél en el que todos e cada uno de sus elementos encuentran espacio para su actualización en armonía y solidaridad (...) el desarrollo pleno no puede darse com base em la destrucción de una parte del organismo” (Segrera, 2006, p. 37).

Quer-se, nessa premissa, inferir que a facilitação de relações de crescimento do ponto de vista do Organismo (e não de um Self, ou de um indivíduo) não permite que, “(...) a costa de sacrificar, ignorar o lastimar ciertos elementos para que otros elementos o aspectos, suyos o de otras personas, se beneficien (...)” (Segrera, 2006, p. 37).

Se estamos, de fato, considerando os processos de expansão para um tecido de capilaridades vivas, não há como restringir-se a um único aspecto ou faceta isolados do seu funcionamento que se dá integrado com as redes maiores de sustentação vital.

Trabalhar com um único “pedaço”, “conteúdo” ou “demanda”, pressupõe a extirpação de uma porção cujo deslocamento a torna tecido morto e estanque, ou, ainda possível, pelas vias quiméricas de uma operação cuja existência e os efeitos dão-se exclusivamente no âmbito das idealizações.

No primeiro exemplo, trata-se, geralmente, de regiões amorfas de Condições de Valia, enquanto, no segundo, dos artifícios do Self e suas atualizações circunscritas às simbolizações cronificadas.

Esta compreensão pormenorizada a respeito das introjeções permite-nos também considerar, nos Organismos, como valores arraigados passam a refletirem-se em atitudes específicos.

Partindo da “(...) tendencia formativa [que] puede ser descrita como el impulso al desarrollo existente em el conjunto de los seres del universo, incluyendo los organismos, sociales e individuales (...)” (Segrera, 2006, p. 37), emerge um funcionamento organísmico que também se faz presente na concepção de dinâmicas valorativas mais ricas, correspondentes a: “Para la congruência, es el valor de la armonía; para la aceptación, el valor del amor; para la comprensión empática, el valor de la sabiduría” (Segrera, 2006, p. 38).

A grande questão que, portanto, se interpõe diz respeito à constituição, na malha de funcionamentos de Organismos Coletivos, de um núcleo ampliado de avaliação que seja estabelecido como interface ao funcionamento conjunto dos quantos Organismos que estejam coordenados em suas direções.

Trata-se, afinal, de uma conexão robusta cujos processos não se reduzem às duas (ou mais) regulações para satisfazer um valor,

mas, ao contrário, de culturas e canais organísmicos diferentes conectados entre si por um valor comum de maior complexidade para ambas as redes.

Esta tela transorganísmica que permite avaliações mais complexas, que não é estrangeira, muito embora não se encerre nos trânsitos prévios de ambas as redes que o integram, é "(...) una configuración que requiere, simultáneamente, de coherencia (congruencia), apertura (aceptación) y empatia (comprensión) de su proceso" (Segrera, 2006, p. 39).

Se é verdade que cada Organismo traz, encerrado em sua rede de funcionamentos e conexões, uma expressão singular do mistério e da criatividade das manifestações vitais, então, ir a busca desses sentidos e percepções de cada outro, mas que um convite, é um imperativo ético.

Uma ética, por certo, que ressoa com mais vida e quer-se mais próxima das outras manifestações e singularidades percetuais e experienciais. Nesta ética dos contatos e associações organísmicas, almeja-se, a partir do enquadre perceptual organísmico do outro, estabelecer pontes com facetas e campos da vida que não havia acesso: "El verdadero amor, la aceptación es atravesarnos a ir hasta las últimas consecuencias en nuestra relación social e interpersonal en el reconocimiento de los otros, del mundo y de lo outro" (Segrera, 2006, p. 40).

É exatamente porque há diversidade nas tantas manifestações que nos esforçamos, com nossas limitações e deformações, para reconhecê-las, acessá-las, facilitá-las e, eventualmente, delas participar, a partir do enquadre mais próximo da singularidade que

apresentam “La comprensión empática es el esfuerzo de comprensión de la existência de los otros, del mundo, de lo divino, mediante la captación de su próprio marco de estructuración” (Segrera, 2006, p. 40).

Ir em busca destas Nações Organísmicas, de suas matizes e complexidades associativas entre vários Organismos em cooperação, é questionar o confinamento habitual da Cidade em processos idealizados nos encaixes de inúmeras placas de Condições de Valia.

É considerarmos, por exemplo, alternativas para, no espaço público, argüimos cadeias de funcionamentos individuais cujas introjeções projetam-se como largas sociabilidades compartilhadas. A título de ilustração, poderíamos considerar a natureza e o efeito social dessa introjeção coletivizada de que os recursos são ilimitados, a produção é infinita e que o sentido unidirecional da vida flutua por entre ter, fazer, poder e prazer.

Se é verdade que, ao nível da estrutura avaliativa emergente dos padrões de funcionamento de um Organismo, é possível experienciar a vulnerabilidade dessas simbolizações herméticas, também é preciso, ao nível dos funcionamentos entre diferentes Organismos cooperados na manifestação dos processos da Cidade, vislumbrar interfaces de avaliação Organísmicas multicêntricas, capazes de enfrentar espectros de deformação e teias de significados introjetados e sempre atualizantes nos seus ideais.

Se o Estado ou a Cidade permitiram que esta camada de deformação coletiva fosse inscrita ao funcionamento dos Organismos, é também responsabilidade coletiva (e não, meramente, do particular), oferecer uma cadeia de processos mais largos em vista

de mitigar os efeitos danosos de separação e alienação no bojo desses processos.

Não basta, meramente, facilitar experiências de crescimento a personalidade enrijecida do Organismo, quando também permanecem incólumes as redes de valores introjetados na estrutura de funcionamento do Estado e da Cidade.

Perpassando o Estudo da Felicidade, da Felicidade Coletiva e da Felicidade Pública Genuína, estamos lidando com a pluralidade de esforços para lançar as bases de uma forma de convivência que, sem omitir-se para a resistência e o enfrentamento, também é capaz de entrelaçar-se com a vida pela contemplação da abundância e da generosidade.

Trata-se de espaços psíquicos e suas decorrentes transposições físicas onde não é a disputa que encerra movimentos, mas, por exemplo, um reconhecimento da bondade e da compaixão na construção de entornos urbanos inesgotáveis de maior partilha de sentido e de realização. Matéria prima da solidariedade e sempre renovável, é por meio dessa consciência cívica do serviço à vida que se parece buscar interpretações inovadoras para o Estado e o Bem Comum.

Em sendo verdade que os diferentes sistemas políticos relacionam-se de modos radicalmente diversos à proposta de uma Felicidade Pública Genuína como métrica de Governo e do agir público, parece-nos, por outro lado, possível também imaginar que, semelhantemente à conquista de Direitos Humanos largamente difundidos, estamos, neste século, propondo algo de novo, algo de um novo “senso de coerência” da coletividade humana.

Em muito pressionados pelas urgências ambientais e climáticas, nossa retomada de “sentido” e de “coerência” é, na verdade, um resgate, de várias maneiras, com os mundos de significados e símbolos que deixamos para trás, e que repousam abaixo das camadas de isolamento da individualidade. Nestas várias ancestralidades dormentes, existem modos de superar o mecanicismo e o automatismo de um mundo que, por absoluto, não pode cumprir suas promessas de prazer e consumo indissolúveis para todos.

Na cultura do Butão, historicamente apostou-se em uma Cidadania Bodissatva, vislumbrando-se:

Looking back in history, Zhabdrung Ngawang Namgyal unified Bhutan during the 17th Century and created its first formal government, the Dual System of Governance. This system of governance combined both the secular and religious which complemented one another and worked together for the benefit of Bhutan’s citizens. Zhabdrung created the laws of the land based upon the sixteen principles of moral conduct and the ten virtuous deeds, which had been previously developed from the teachings of the Buddha, which gave these laws a distinct religious flavor. The codified laws took into consideration the material and spiritual rights, benefits and responsibilities of both individual citizens and the greater community.

In fact, by adhering to the laws of the land, one could put into practice the Bodhisattva ideals and enrich one’s own spiritual training. The rules and regulations are steeped in Buddhist teachings and at their core is the practice of benefiting other beings (Dorji, 2007).

Felicidade, nessa política do Butão, e acompanhando os ensinamentos de Shantideva, desde o século VII, não é uma combinação de autonomia e autodeterminação para a satisfação das necessidades individuais:

All those who are unhappy in the world are so as a result of their desire for their own happiness. All those who are happy in the world are so as a result of their desire for the happiness of others (Dorji, 2007).

Ainda que, no Butão, com intervenções projetando-se da cultura do Vajrayana (Trungpa, 2005/1978), enfatize-se a manifestação de nove dimensões, tais aspectos e as subclasses que a acompanham (uma dimensão específica, do FIB, dedicada ao Bem-Estar Psíquico, está subdividida em quatro eixos, quais sejam Espiritualidade, Qualidade de Vida, Saúde Mental e Balanceamento Emocional) não materializam ou solidificam um conteúdo para a Felicidade. Em outras palavras, Felicidade continua como origem, como inspiração - e não como destino.

Ao contrário da Felicidade como meta última que coincida e fortifique o preenchimento do indivíduo, as tais nove dimensões promovem, na sua cultura de origem, o acúmulo de mérito e virtude, que, bem poderiam ser acumulados através de infinitas outras práticas que, por sua vez, reduzem a frequência de obstáculos e dificuldades na realização das atividades cotidianas que, ao seu modo, poderão, ou não, vir a ser utilizados para alcançar estados de reconhecimento e agência a partir da interdependência entre todos os fenômenos.

Deste campo expansivo de ação não obstruída e de sabedoria intrínseca, então, práticas de bondade-amorosa e compaixão seriam cada vez mais frequentes, para benefício de todos os seres sensientes.

É possível realocarmos o amor e a compaixão em nossas intervenções? Será possível abrir os olhos para atitudes e dimensões que relegamos - ou, talvez, fechar os olhos para esse mundo que sabemos?

O próprio Rogers sugere:

O que é este “mundo real” de que estamos falando? (...) Há poucas semanas, tarde da noite, eu estava sentado à varanda de uma casa de praia no norte da Califórnia (...) Um planeta brilhante, exatamente acima de mim, moveu-se com igual lentidão majestosa até um ponto distante à minha direita. Em suas trajetórias, a Via Láctea e todas as outras constelações os acompanhavam (...) Asneiras, diz você? (...) Penso em John Lilly, cientista formado em Cal Tech (...) É extremamente desconcertante acompanhar seu percurso desde quando era um cientista crente apenas em modelos mecânicos de realidade até sua posição atual de consciência alterada a vários níveis que alcançou e ajudou outros a alcançar (...) ele experimenta o universo como unidade, uma unidade baseada em amor” (Rogers & Rosenberg, 1977, p. 185 e 188).

Esta é uma das propostas... apenas uma proposta da política do Botão e que parece ressoar com outras atitudes de transformação. É também de Rogers a constatação:

Conheço pouquíssimas pessoas nas principais universidades que tenham qualquer compreensão real e profunda do meu trabalho (...) Fora dessas instituições existe um bom número de pessoas [que compreendem]. O interessante é que o grau de compreensão não depende do grau de contato comigo. Quando as pessoas estão filosoficamente prontas para esta parte de mim, elas conseguem captar tudo pela leitura. Se elas não estiverem prontas filosoficamente, elas podem morrer de ler e mesmo assim não compreenderão. Basicamente, é um jeito de ser e as universidades não estão interessadas em jeitos de ser. Elas estão mais interessadas em idéias e em jeitos de pensar (Rogers citado por Baldwin, 2000, pp. 37-38).

Também discorriamos acerca da Cidade fora do indivíduo, das Cidades em Transição, das Cidades Compassivas, da Felicidade Interna Bruta, e poderíamos citar outros inúmeros esforços de “pensar” a mensuração (PQLI: Physical Quality of Life Index; HDI: Human Development Index; ISEW: Index of Sustainable Economic Welfare; GPI: Genuine Progress Index; ISH: Index of Social Health etc) e propor a transformação social (Spirit in Education Movement, na Tailândia e nas Filipinas; a Democracia Profunda, a Ecologia Profunda, a BioPsicologia e a Economia Solidária etc), a partir de um vasto culturalismo que foi aproximado.

Assim como, no Butão, os meios hábeis podem ser diversificados no acúmulo de experiência, de sabedoria e de realização para uma vida de maior sentido e coerência, também, por aqui, em terras brasileiras, a partir de uma compreensão de Salutogênese, é possível definir um conjunto híbrido de práticas que nos resgatem uma direção do positivo (razoável para nossas necessidades e que tenha uma carga própria diversa da mera negação de algo anterior) e de sentido (que foi sentida e faz sentido) da vida.

Se é verdade que, o Butão, elegeu nove veículos prioritários para otimizar seu processo de experiencição coletiva de uma nova sociabilidade, por aqui, também, podemos vislumbrar quais as dimensões críticas de um “senso de coerência” contextualizado e legítimo às nossas necessidades coletivas – necessidades que não requisitam, tão somente, dos crivos do indivíduo para o redesenho de participação e vitalidade comunitária.

Para Aaron Antonovsky (citado por Moraes, 2006; Hanson, 2007), a diversidade na ecologia de práticas e saberes é compatível à produção de novo “senso de coerência” para a vida, quando produzir maior (1) “inteligibilidade” e consistência das situações vivenciadas; (2) “manuseabilidade” de recursos em vista das mudanças propostas; e (3) “compreensibilidade” das oportunidades de enfrentamento através do investimento emocional adequado.

Neste trabalho específico, e buscando oferecer uma tradução cultural possível para uma **Felicidade Pública Genuína**, de raízes brasileiras, poderíamos desdobrar três dimensões como prioritárias: *Oikos-Logia* (Ecologia, o saber da casa), *Oikos-Nomia* (Economia,

gestão da casa) e *Oikos-Mene* (Ecumenismo, portas e janelas abertas na casa), originadas de um senso de profundo cuidado e gentileza pelas trocas (Bios), pela Casa (Oikos), por seus espaços (Paidéia) e conjunto de instituições públicas (Pólis).

Desenvolver sentidos de coerências múltiplos, a partir de canais estésicos e faculdades de perceber a realidade imbuídos de presentificação, comunicar sentidos e compartilhar de novos significados, é sempre um recurso coletivo de também se valer do *genius loci* e partilhar da *anima mundi*.

É possível falar de Paz e Democracia como meios de agência (manuseabilidade), ao mesmo tempo em que se resgata a vida em sua inteligibilidade (*genius loci*) e sua compreensibilidade (*anima mundi*)? Esse é o desafio que se descortina para uma Psicologia Experiencial (Cavalcante Jr & Sousa, 2008).

Referências Bibliográficas

Acharya, G. (2004). Operationalizing Gross National Happiness. Kuensel OnLine. Disponível em: <http://www.paradise-engineering.com/happiness/>

Alves, VLP. (2009). As práticas de psicoterapia conjugal e familiar na abordagem centrada na pessoa: uma re-educação para conjugalidade? Conceituações e reflexões. In Klöckner, FCS (org). Abordagem centrada na pessoa: a psicologia humanista em diferentes contextos. Londrina: Editora Unifil.

Araújo, RA. (2009a). Da Cibercidade à Cidade Sou Eu: transformações contemporâneas condicionadas pela tecnologia. Lumina (Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação - Univ. Fed. Juiz de Fora), 3 (1).

Araújo, RA. (2007). A cidade sou eu? O urbanismo do século XXI. Tese de Doutorado (Urbanismo), Universidade de São Paulo. Orientador: Profa. Dr. Denise B. Pinheiro Machado.

Araújo, RA (2009b). Twenty-First Century Orbanism: The City is Me. Trabalho apresentado no Congresso City Futures ' 09 - Madri, junho/2009. Disponível em: http://www.cityfutures2009.com/PDF/60_Araujo_Rosane.pdf

Assoun, PL; Collier, RL. (2006). Freud and Nietzsche. Londres: Continuum International Publishing Group.

Baker, C. (2009). Transition Towns or Bright Green Cities? The Color of Movements or the Color of Life? Disponível: <http://transition-times.com/2009/10/27/transition-towns-or-bright-green-cities-the-color-of-movements-or-the-color-of-life/>

Baldwin, M. (2000). The use of self in therapy. New York (EUA): Haworth Press.

Barros, M. & Martí, S. (2009). Arquitetos criticam novo neoclássico em SP. Folha de São Paulo, Folha Ilustrada, p. E4, 6 de setembro de 2009.

Behar, R. (1999). Ethnography: Cherishing our second-fiddle genre. *Journal of Contemporary Ethnography*, 28 (5), 472-484.

Behar, R. (2003). Ethnography and the book that was lost. *Ethnography*, 4 (1), 15-39.

Bracken, AJ. (2004-2005). Emergent Monism and Final Causality: A Field-Oriented Approach. *Tradition & Discovery: The Polanyi Society Periodical*, XXXI (2). Disponível em: <http://www.missouriwestern.edu/orgs/polanyi/TAD%20WEB%20ARCHIVE/TAD31-2/TAD31-2-basic-pg.htm>

Bruno, FJ. (1974). *Psychology: a Life-Centered Approach*. Santa Barbara, EUA: Hamilton.

Cavalcante Jr, FS & Sousa, AF. (no prelo). *Humanismo nos tempos de hoje: cosmopolitanismo no pensamento de Carl Rogers*.

Cavalcante Jr., FS. & Sousa, AF. (2008). *Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na abordagem centrada na pessoa - ACP*. São Paulo: Alinea, 2008.

Cavalcante Jr., FS. (2008a). *Psicologia Humanista Experiencial*. In: Cavalcante Jr., FS. & Sousa, AF. (2008). *Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na abordagem centrada na pessoa - ACP*. São Paulo: Alinea, 2008.

Cavalcante Jr., FS (2008b). *A Empatia Formativa É!* In Cavalcante Jr., FS & Sousa, AF. (2008). *Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na abordagem centrada na pessoa - ACP*. Campinas: Alinea.

Cavalcante Jr., FS. (2008c). *Trilhas de vida e espiritualidade em Maria Bowen: 'interconexão no universo e na psicoterapia'*. In Olinda, BEM; Cavalcante Jr, FS. (orgs) (2008). *Artes do existir: trajetórias de vida e formação*. Fortaleza: Edições UFC.

Chamberlin, S. (2009) *The transition timeline for a local, resilient future*. White River Junction, Vermont (EUA): Chelsea Green.

Choden, T; Kusago, T; Shirai, K. (2007). Gross National Happiness and Material Welfare in Bhutan and Japan. Centre for Bhutan Studies. Disponível em: http://www.bhutanstudies.org.bt/main/pub_detail.php?pubid=102

Dantas, LG. (2007). A liberdade de ser, aprender e ensinar na escola cristã. Dissertação de Mestrado (Psicologia), Universidade de Fortaleza. Orientador: Prof. Dr. Francisco S. Cavalcante Jr.

Doherty, TJ. (2009). A peer reviewed journal for EcoPsychology. *Journal of EcoPsychology*, 1(1), March 2009

Dorji, LG. (2007). Happiness and Spirituality. Disponível: <http://www.bhutanstudies.org.bt/admin/pubFiles/GNH3/4.3rdGNH.pdf>

Dowd, R. (2009). Life after Oil. Disponível em: <http://www.lime.com/magazines?uri=wholelifetimes.com/lime/2009/04/featureafteroil0904.html>

Drengson, A. (1983). The Trumpeter - voices from the Canadian EcoNetwork. *Trumpeter - Journal of Ecosophy*, 1(1), fall 1983

Ferreira, MC; Assmar, EML; Souto, SO. (2002). O individualismo e o coletivismo como indicadores de culturas nacionais: convergências e divergências teórico-metodológicas. *Psicol. estud.*, 7 (1).

Fiker, ME. (2006) Elementos para um dicionário enciclopédico trilingue inglês-sânscrito-português de conceitos fundamentais do budismo. Dissertação de Mestrado (Linguística), Universidade de São Paulo. Orientador: Prof. Dr. Mário Ferreira

Fox, M. (1999) A spirituality named compassion. Rochester Vermont: Inner Traditions.

Freire, E. (2009). Psicoterapia centra na pessoa: uma jornada em busca de auto-realização e plenitude. In Klöckner, FCS (org). Abordagem centrada na pessoa: a psicologia humanista em diferentes contextos. Londrina: Editora Unifil.

Giaxa, RRB. (2006). Aprendendo a ser cientista-artista: viagem etnográfica ao universo de Sérvulo Esmeraldo. Dissertação, Mestrado (Psicologia), Universidade de Fortaleza. Orientador: Prof. Dr. Francisco S. Cavalcante Jr.

Gondim, DG. (2008). O sabor da sabedoria na terceira idade: percorrendo as histórias de vida de idosos aprendentes no ateliê da sabedoria. Dissertação de Mestrado (Psicologia), Universidade de Fortaleza. Orientador: Prof. Dr. Francisco S. Cavalcante Jr.

Griffiths, J. (2009). The Transition Initiative: Changing the scale of change. Orion Magazine. Disponível em: <http://www.orionmagazine.org/index.php/articles/article/4792/>

Gržinić, M. (2009a). De-linking epistemology from capital and pluriversity - a conversation with walter mignolo, part 1. Reartikulacija (Society for Contemporary Creativity, Slovenia), 4. Disponível em: http://www.reartikulacija.org/RE4/ENG/decoloniality4_ENG_mign.html

Gržinić, M. (2009b). De-linking epistemology from capital and pluriversity - a conversation with walter mignolo, part 2. Reartikulacija (Society for Contemporary Creativity, Slovenia), 5. Disponível em: http://www.reartikulacija.org/RE5/ENG/decoloniality5_ENG_mign.html

Gržinić, M. (2009c). De-linking epistemology from capital and pluriversity - a conversation with walter mignolo, part 3. Reartikulacija (Society for Contemporary Creativity, Slovenia), 6. Disponível em: http://www.reartikulacija.org/RE6/ENG/decoloniality6_ENG_mign.html

Hanson, A. (2007). Workplace health promotion: a salutogenic approach. Bloomington (EUA): AuthorHouse.

Hanh, T. (2005). Jesus e Buda Irmãos. Rio de Janeiro: Bertrand.

Hershock, PD. (2004). Bhutanese Public Policy in the 'Century of Interdependence'. Journal of Bhutan Studies, 11, Winter 2004. Disponível em: <http://www.bhutanstudies.org.bt/admin/pubFiles/v11-5.pdf>

Homer-Dixon, T. (2007). *The upside of down: catastrophe, creativity and the renewal of civilization*. London: Souvenir.

Hopkins, B. (2009). Responding to Alex Steffen's Critique of Transition at WorldChanging. Disponível: <http://transitionculture.org/2009/11/03/responding-to-alex-steffens-critique-of-transition-at-worldchanging/>

Hopkins, R. (2008). *The transition handbook: from oil dependency to local resilience*. White River Junction, Vermont (EUA): Chelsea Green.

Jambet, C. (2006). *A lógica dos orientais*. Original de 1983. São Paulo: Globo.

Jay, M. (2005). *Songs of Experience: Modern American and European Variations on a Universal Theme*: Berkeley (EUA): University of California Press

Kasser, T. (2005). Personal aspirations, the "good life" and the law. *Deakin Law Review (Australia)*, 10, pp. 33-47. Disponível em: <http://www.austlii.edu.au/au/journals/DeakinLRev/2005/3.html>

Kellehear, A. (2005). *Compassionate Cities: Public Health and End of Life Care*. Londres: Routledge.

Lerner, M. (1994). *Surplus Powerlessness: The Psychodynamics of Everyday Life and the Psychology of Individual and Social transformation*. Atlantic Highlands: Humanities Press Int.

Lertzman, R. (2008). The myth of apathy. Disponível: http://www.theecologist.org/blogs_and_comments/commentators/other_comments/269433/the_myth_of_apathy.html

Levitt, T. (2009). The psychology of climate change: why we do nothing. Disponível: http://www.theecologist.org/News/news_analysis/301036/the_psychology_of_climate_change_why_we_do_nothing.html

Lima, FMH. (2005). A experiência do desprazer vivida na escola: leitura crítico-cultural do grupo 'Escola Kállice, Jamais!' na comunidade Orkut. Dissertação de Mestrado (Psicologia), Universidade de Fortaleza. Orientador: Prof. Dr. FS Cavalcante Jr.

Little, K. (2009). Deep ecology, dams, and dzonguland: lepchas protest narratives about their threatened. *Trumpeter - Journal of Ecosophy*, 25 (1).

Loftus, H. (2006). How to Wean a Town Off Fossil Fuels. Disponível em: <http://www.worldchanging.com/archives/005135.html>

Mearns, D. & Thorne, B. (2003). *La terapia centrada em la persona hoy*. Bilbao (Espanha): Desclée de Brouwer.

Mello, ED.; Sousa, EAL. (2005). A experiência como intervalo para novas visibilidades. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, 17 (1). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000100009

Milavec, A. (2008). Polanyi's "Cosmic Field"—Prophetic Faith or Religious Folly? Polanyi Conference, 08/06/2008. Disponível em: <http://www.missouriwestern.edu/orgs/polanyi/Loyola08/Loy08Pprs/Milavec%206-10-pdf.pdf>

Moraes, WA. (2006). *Salutogênese e auto-cultivo: uma abordagem interdisciplinar*. Rio Janeiro: Gaia.

Morato, HTP. (2008). *Prática Psicológica em Instituições: ação política*. VIII Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições. Disponível em: http://www.lefeusp.net/arquivos_diversos/VIII_simposio_anpepp/textos%20pesquisadores/morato08.pdf

O'Hara, MM. (1983). A consciência do terapeuta. In Rogers, C; Wood, J.; O'Hara, M; Fonseca, A. (1983). *Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa*. São Paulo: Summus.

Price, A. (2009). *The Transition Town Debate*. Disponível: <http://www.good.is/post/the-transition-town-debate/>

Rogers, C. & Kinget, GM. (1977). Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da teoria não-diretiva. V. 1. Belo Horizonte: InterLivros.

Rogers, C. & Rosenberg, RL (1977). A pessoa como centro. São Paulo: EPU.

Rogers, C. (1979). O tratamento clínico da criança-problema. Original de 1939. São Paulo: Martins Fontes.

Rogers, C. (1989). A note on 'the nature of man'. Original de 1957. In Kirschenbaum, H. & Henderson, VL. (orgs) (1989). The Carl Rogers Reader. Boston (EUA): Houghton Mifflin Co.

Rogers, C. (1989). Notes on Rollo May. Original de 1981. In Kirschenbaum, H. & Henderson, VL. (orgs) (1989) Carl Rogers: dialogues. Boston (EUA): Houghton Mifflin Co.

Rogers, C. (1989). The politics of helping professions. Original de 1977. In Kirschenbaum, H. & Henderson, VL. (orgs) (1989). The Carl Rogers Reader. Boston (EUA): Houghton Mifflin Co.

Rogers, C. (1992). Terapia Centrada no Cliente. São Paulo: Martins Fontes.

Rogers, C. (1999). Tornar-se pessoa. 5ª. ed, 2ª. imp. São Paulo: Martins Fontes. Original de 1961.

Rogers, C. (2001). Sobre o poder pessoal. Original de 1977. São Paulo: Martins Fontes.

Rogers, C. (2007). Der neue Mensch. Stuttgart (Alemanha): Klett-Cotta.

Rogers, C. (2008). Algumas observações sobre a organização da personalidade. Artigo original de 1947. In Wood, J. (2008). Abordagem centrada na pessoa. Vitória: EDUFES.

Rogers, C. (2008). Aspectos significativos da terapia centrada no cliente. Artigo original de 1946. In Wood, J. (2008). Abordagem Centrada na pessoa.

Rogers, C. (2008). Pessoa ou ciência? Uma questão filosófica. Artigo original de 1955. In Wood, J. (2008). Abordagem centrada na pessoa. Vitória: EDUFES.

Rogers, C. (1983). Um jeito de ser. São Paulo: EPU.

Segrera, A. (2006). El desarrollo humano centrado en las personas: sus fundamentos teóricos y profesionales. In Díaz, MEF. (2006). Cultura y desarrollo humano: visions humanistas de la dimension

simbólica de lo individual y lo social. Colección Intersecciones 10. México: Instituto Mexiquense de Cultura.

SNV World - Netherlands Development Organization. (2009). Bhutan - Facts and Figures. Disponível em: <http://www.snvworld.org/en/countries/bhutan/Pages/morefactsandfigures.aspx>

Steffen, A. (2009). Transition Towns or Bright Green Cities? Disponível: <http://www.worldchanging.com/archives/010672.html>

Trungpa, C. (1995). O mito da liberdade e o caminho da meditação. Original de 1976. São Paulo: Cultrix.

Trungpa, C. (2005). Shambala: a trilha sagrada do guerreiro. Original de 1978. São Paulo: Cultrix.

Ura, DK. (2007). Gross National Happiness and Buddhism. Disponível em: http://www.kosei-shuppan.co.jp/english/text/mag/2007/07_101112_10.html

Ura, DK. (2009a). Understanding the Development Philosophy of Gross National Happiness - Interview by Bhutan broadcasting service with Dasho Karma Ura. Disponível em: <http://www.bhutanstudies.org.bt/admin/pubFiles/GNHonRadio.pdf>

Ura, DK. (2009b). A proposal for GNH Value Education in Schools.
Disponível em:
<http://www.bhutanstudies.org.bt/admin/pubFiles/ValueEducation.pdf>

Vasconcelos, TP. (2009). A atitude clínica no plantão psicológico: composição da fotografia experiencial do terapeuta-sherpa. Dissertação de Mestrado (Psicologia), Universidade de Fortaleza, Orientador: Prof. Dr. FS Cavalcante Jr.

Wolcott, H. (1994a). Adequate Schools and Inadequate Education: The Life History of a Sneaky Kid. In Wolcott, H. (2002). Sneaky kid and its aftermath: ethics and intimacy in fieldwork. Walnut Creek (EUA): AltaMira Press

Wolcott, H. (1994b). Life's not working: Cultural Alternatives to Career Alternatives. In Wolcott, H. (1994). Transforming qualitative data: description, analysis, and interpretation. Londres: Sage.

Wolcott, H. (1994c). On seeking - and rejecting - validity in qualitative research. In Wolcott, H. (1994). Transforming qualitative data: description, analysis, and interpretation. Londres: Sage.

Wolcott, H. (2002). Writing Up Qualitative Research... Better. Qual. Health. Res. 12 (1), 91-103

Wood, J. (1983). Sombras da entrega. Original de 1977. In Rogers, C; Wood, J.; O'Hara, M; Fonseca, A. (1983). Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Summus.

Wood, J. (1983). Terapia de grupo centrada na pessoa. Original de 1980. In Rogers, C; Wood, J.; O'Hara, M; Fonseca, A. (1983). Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Summus.

Wood, J. (2005). Cartas para o hemisfério norte. Campinas: Komedi.

Wood, J. (2006). What does it have to do with with client-centered therapy? In Proctor, G; Cooper, M; Sanders, P; Malcolm, B. Politicizing the person-centred approach: an agenda for social change. Ross-on-Wye: PCCS books.

Wood, J. (2008a). Carl Rogers' Person-Centered Approach: toward an understanding of its implications. Ross-on-Wye: PCCS books.

Wood, J. (2008b). Con-sciência e Con-sequência, em companhia de gaia. In Cavalcante Jr., FS & Sousa, AF. (2008). Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na abordagem centrada na pessoa. Campinas: Alinea.

Wood, J. (2008c). Abordagem centrada na pessoa. Vitória: EDUFES.

Wrona, R. (2009). Origem dos grandes grupos sob os referenciais da acp: da psicoterapia às comunidades de aprendizagem. In Bacellar, A. (2009). A psicologia humanista na prática: reflexões sobre a abordagem centrada na pessoa. Florianópolis: Editora UNISUL.